

— Vamos à história da revista, que você me prometeu.

— Chamave-se assim mesmo, **A Revista**, e publicou só três números, que o dinheiro não deu para mais. Ou não foi bem isso, porque afinal dinheiro não tínhamos nem para um número, e a publicação medrava à custa dos magros anúncios de uma companhia de seguros, de alguns alfaiates e de algumas casas de ferragens. A composição era feita no **Diário de Minas**, e a impressão nas oficinas do governo, mas tudo paco com tostões difíceis. Em vão o excelente Ribeiro Couto, promotor em Pouso Alto, nos escrevia cartas extremamente objetivas, recomendando que cavássemos a publicidade dos grandes laboratórios de produtos farmacêuticos do país, e oferecéssemos preços razoáveis para a divulgação do "Ventre Livre", do "Regulador Gesteira", e da "Uterina". Couto redigia mesmo cartas de apresentação que devemos ter jogado fora, não por horror à renda comercial, mas por preguiça e inconsciência. **A Revista** durou de julho de 1925 a janeiro de 1926. Era deliciosa. A conselho de Mário de Andrade, e também porque seria impossível fazer de outro modo, nela insinuávamos a pimenta modernista no chocho trivial da literatura acadêmica da época. E a tal ponto que um dia Couto advertiu um dos colaboradores, hoje grande figura nacional, devia ser preso, tal era a linguagem quinhentista de que se servia. Mário, então, era mais generoso; e descobrindo em nós certa vergonha da **Revista**, nos consolava. Procurando te maro de cartas: "Quem dá o que tem não fica devendo. Vs não podem e nem Rio de Janeiro nem São Paulo podem fazer uma revista moderna as ideias sem fazer igrejinha como **Klaxon**. E isto é contraproducente. Façam um tratado com a **Revista** botem bem misturada a modernidade bonita de vocês com o passadismo dos outros. Mas temem o mais possível, é o único modo da gente fazer do público terra caída amazônica. Eis o que é preciso. Ele pensa que está firme no passadismo e de sopetão vai indo de cambalhota, não sabe e está se acostumando com vocês".

— E o público se acostumou?

AQUELES RAPAZES DE BELO HORIZONTE

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

II

— Não, porque a **Revista** foi para o beleléu. Martins de Almeida, formado, seguiu de promotor para Oliveira, Emílio Moura tocou-se para Dolores do Indaiá, Pedro Nava juizdeforou, outro meteu-se em Itabira. Mas, dentro da pasmação do meio provinciano, e do rumor muito relativo que fazem os escândalos literários, nossa revistinha funcionara. Tristão de Ataíde consagrou-lhe dois rodapés no **O Jornal**, achando o nosso jeito "francamente animador; ao menos n'aquele diz respeito a idéias; a criação, ainda hesitante". (As idéias eram quase todas de Martins de Almeida, que com um editorial preciso retificara a apresentação incaracterística da revista feita por mim no primeiro número). Agripino Frieco, que naquele tempo passava por ter talento, também nos aplaudiu. Manuel Bandeira escreveu-nos entusiasmado; e Ronald de Carvalho também, animando-nos a prosseguir na fogueira em que deveríamos "sapecar esses pereiras, pessegueiros e oliveiras do nosso mato acadêmico". Sentimo-nos bastante gloriosos, e dispensados de continuar.

— Mas ninguém meteu o pau em vocês?

— Felizmente que sim, e a melhor descompostura foi a de Eduardo Friereiro. Sob o pseu-

dônimo de João Cotó, denunciou a nossa "ingenuidade de caboclos bovarizados, que tomam a sério as mais descabeladas boutades parisienses". Para ele, nossa petulância juvenil era "uma forma particular da tolice humana". Você compreende que para estimular um tímido ou um indeciso, não há nada como o acicate desses xingamentos. A vida intelectual faz-se, em grande parte, de reação instintiva. Os aplausos eram gostosos de receber, mas geralmente vinham de longe, ao passo que as ripadas doíam diretamente na pele, de tão próximas, e convidavam à bravura. Ao longo todo da vida, os ataques ajudam o escritor, forçando-o a ser menos condescendente consigo mesmo; acho até que o escritor deve cultivar uma certa antipatia, que por acaso seja seu dom natural, a fim de desviar de si os admiradores e impor a atitude crítica.

— Você parece muito dotado pela natureza nesse particular...

— Obrigado, flor. O certo é que a **Revista** morreu depois de publicar algumas notas críticas que tinham seu valor no tempo e, lidas agora, não nos envergonham (nenhuma dessas é minha). Lembro-me por exemplo do pequeno ensaio sobre Pascal, das análises de livros de Paul

Morand, Graça Aranha, Paulo Prado, Manuel Bandeira, tudo de Martins de Almeida. Mas uma revista assim vale principalmente pelo assanhamento que revela, pela crepitação de sal no fogo, pelo estado de espírito coletivo, em suma. Ela nos deu um pouco de consciência dos problemas e de nós mesmos. Não teve influência visível no meio, e como poderíamos influir num meio tão cristalizado e alheio a esses caprichosos movimentos, quase subterrâneos, de uma geração que se procura a si mesma? Dois anos depois, em 1927, apareceu o grupo de Cataguazes, com sua revista **Verde** e um entusiasmo ainda mais primaveril do que o nosso. O grupo belo-orientino, convidado, colaborou em **Verde**, mas parece que com alguma discreção, pois em 1929, no **O Jornal**, Henrique de Resende escrevia um artigo meio aborrecido, dizendo que todo o Brasil respondera ao chamado de **Verde**, e até as repúblicas platinas, toda gente colaborara e ajudara, menos o pessoal de Minas "a não ser Belo Horizonte, assim mesmo com um frio ceticismo". Se ceticismo houve, deve ser atribuído à nossa experiência no ramo. Éramos um pouquinho menos moços do que os "ases de Cataguazes", como lhes chamava Oswald de Andrade, e talvez afotássemos certa circunspeção diante daqueles "brotos" um tanto agitados. A verdade é que **Verde** não foi galho do nosso arbusto, como também nada lhe devemos. As letras é que ficaram devendo a Cataguazes um ensaísta, romancista, teatrólogo, um... tudo, enfim, com a força de Rosário Fusco, e um escritor com a sutileza de Guilhermino César. O mais verde dos verdes era Ascanio Lopes, que resumiu o seu próprio fim nestes versos:

**A febre dos tísicos entrará no meu quarto
Trazida de manso pela mão da noite.**

Tinha vinte e três anos, e foi como se morresse um dos nossos.

— Tem saudades desse tempo, poeta?

— A gente tem saudades do que passou, simplesmente porque passou; não há outra razão. Viver nem sempre é fácil, mas como é gostoso ter vivido!